

### A SEXUALIDADE FEMININA EM ESCRITOS DAS PIONEIRAS DA PSICANÁLISE

*Female Sexuality in Writings of Pioneers of Psychoanalysis*

*La Sexualidad Femenina en Escritos de las Pioneras del Psicoanálisis*

*La Sexualité Féminine dans les Écrits des Pionnières de la Psychanalyse*

10.5020/23590777.rs.v20i3.e9499

---

#### **Camila Terra da Rosa**

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Psicanalista pelo CEPdePA e Mestra em Psicanálise: Clínica e Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

#### **Amadeu de Oliveira Weinmann**

Psicanalista e professor do PPG em Psicanálise: Clínica e Cultura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

---

#### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo recuperar escritos das pioneiras da psicanálise sobre a sexualidade feminina. A importância do retorno a essas autoras está na possibilidade de elaboração de uma teoria da sexualidade feminina por mulheres, em um campo tradicionalmente ocupado por autores homens. As mulheres conseguiram sair do lugar de pacientes para se tornar autoras? Foi possível às mulheres ocupar um lugar de protagonismo na psicanálise? As psicanalistas escolhidas para pensar essas questões foram responsáveis por importantes torções na teoria freudiana sobre a sexualidade feminina e são reconhecidas na história da psicanálise por suas contribuições teóricas e clínicas. São elas: Karen Horney, Jeanne Lampl-de Groot, Ruth Mack Brunswick, Melanie Klein, Joan Riviere e Helene Deutsch. Nesse trabalho, pretende-se trazer à tona, novamente, suas contribuições, com o intuito de buscar uma herança feminina na psicanálise.

**Palavras-chave:** psicanálise; história; sexualidade feminina.

#### **Abstract**

*The present article aims to recover the writings of the pioneers of psychoanalysis on female sexuality. The importance of returning to these authors is in the possibility of elaborating a theory of female sexuality by women, in a field traditionally occupied by male authors. Were women able to leave the place of patients to become authors? Was it possible for women to play a leading role in psychoanalysis? The psychoanalysts women chosen to think about these issues were responsible for important twists in Freudian theory on female sexuality and are recognized in the history of psychoanalysis for their theoretical and clinical contributions. They are Karen Horney, Jeanne Lampl-de Groot, Ruth Mack Brunswick, Melanie Klein, Joan Riviere, and Helene Deutsch. In this work, we intend to bring up, once again, their contributions, to seek a female heritage in psychoanalysis.*

**Keywords:** psychoanalysis; story; female sexuality.

#### **Resumen**

*El presente artículo tiene el objetivo de recuperar escritos de las pioneras del psicoanálisis sobre la sexualidad femenina. La importancia de volver a estas autoras está en la posibilidad de creación de una teoría de la sexualidad femenina por mujeres, en un campo tradicionalmente ocupado por autores hombres. ¿Lograron las mujeres cambiar de pacientes a autoras? ¿Fue posible a las mujeres*

---

*ocupar un sitio de protagonismo en el psicoanálisis? Las psicoanalistas elegidas para pensar estas cuestiones fueron responsables por importantes torsiones en la teoría freudiana sobre la sexualidad femenina y son reconocidas en la historia del psicoanálisis por sus contribuciones teóricas y clínicas. Ellas son: Karen Horney, Jeanne Lampl-de Groot, Ruth Mack Brunswick, Melanie Klein, Joan Riviere e Helene Deutsch. En este trabajo, se pretende traer a la luz, nuevamente, sus contribuciones, con el objetivo de buscar una herencia femenina en el psicoanálisis.*

**Palabras clave:** *psicoanálisis; historia; sexualidad femenina.*

### **Résumé**

*Cet article a pour objectif de récupérer des écrits des pionnières de la psychanalyse sur la sexualité féminine. L'importance du retour à ces auteures réside dans la possibilité d'élaboration d'une théorie de la sexualité féminine par des femmes, dans un domaine traditionnellement occupé par des auteurs hommes. Les femmes ont-elles pu quitter la condition de patientes pour devenir auteures ? A-t-il été possible pour les femmes de jouer un rôle de premier plan dans la psychanalyse ? Les psychanalystes choisis pour penser à ces questions ont été responsables par d'importantes modifications dans la théorie de Freud sur la sexualité féminine et sont reconnues dans l'histoire de la psychanalyse par leurs contributions théoriques et cliniques. Ce sont : Karen Horney, Jeanne Lampl-de Groot, Ruth Mack Brunswick, Melanie Klein, Joan Riviere et Helene Deutsch. Dans ce travail, nous voulons faire émerger, une autre fois, leurs contributions, dans l'intention de chercher un héritage féminin dans la psychanalyse.*

**Mots-clés :** *psychanalyse ; histoire ; sexualité féminine.*

---

Em 2015, o filme *As sufragistas (Suffragette)* estreou, com direção de Sarah Gavron. A trama conta a história de algumas mulheres marcantes do movimento pelo sufrágio feminino no Reino Unido – como Emmeline Pankhurst (interpretada por Meryl Streep) –, que foi seguido por movimentos similares no mundo inteiro. *A posteriori*, essas lutas foram denominadas, por teóricas do feminismo, de “primeira onda” do movimento feminista, a qual se centrava na reivindicação de direitos políticos, como o de votar e ser eleita (Pedro, 2006). O filme convoca a uma reflexão sobre uma história em que as mulheres são as protagonistas, sendo contada de uma perspectiva feminina. Os escritos freudianos, contemporâneos das discussões sufragistas, não atentam, diretamente, para essa história, mas é a partir da escuta das históricas que Freud funda a psicanálise. Ao escutá-las, amplificou a voz daquelas que esbravejavam, por meio do corpo, seus conflitos com a cultura patriarcal burguesa. O ato de escuta do fundador da psicanálise mostrou sua potência revolucionária: “[...] a histeria não é senão o sintoma da estrutura conflitual da feminilidade em nossa cultura” (Bleichmar, 1988, p. 29).

Uma das psicanalistas mais lembradas dessa época é, provavelmente, Sabina Spielrein. Coincidentemente, ela é muito mais conhecida como paciente e amante de Jung. Seria uma ironia do destino? As mulheres conseguiram sair do lugar de pacientes para serem reconhecidas como analistas e pensadoras? Este trabalho tem como intenção um ato: fazer emergir algumas teóricas psicanalistas que fizeram parte da história da psicanálise por terem sido responsáveis por uma importante inflexão na teoria freudiana acerca da feminilidade. A partir dos textos de Freud *Sexualidade feminina* (1931) e *Feminilidade* (1933), rastreamos os traços deixados por essas psicanalistas, indo ao encontro de suas produções teóricas. O foco escolhido para seguirmos nossa trilha, não por acaso, é a sexualidade feminina. O que buscamos é uma sexualidade feminina teorizada por mulheres.

## **Freud e as Psicanalistas**

[...] começamos a aprender um pouco acerca dessas coisas, graças à circunstância de nossas excelentes colegas de análise terem começado a trabalhar a questão. [...] Pois essas senhoras, sempre que alguma comparação parecia mostrar-se desfavorável ao seu sexo, conseguiram expressar a suspeita que nós, analistas homens, não tínhamos conseguido superar determinados preconceitos profundamente arraigados contra aquilo que era feminino, e que esse fato estava sendo responsável pela parcialidade de nossas pesquisas. [...] Apenas tínhamos de dizer: ‘Isso não se aplica às senhoras. As senhoras são a exceção; neste ponto, são mais masculinas do que femininas’. (Freud, 1933/1996e, p. 117)

A epígrafe desta seção é um recorte da conferência *Feminilidade*. Às senhoras da psicanálise ficou designado o lugar, quase infantilizado, de oposição à teoria freudiana sobre o feminino. A elas foi entregue o selo da masculinidade, como permissão para transitarem entre os membros das sociedades psicanalíticas. Essa citação mostra a posição paradoxal na qual

Freud se encontrava: se, por um lado, é a partir da voz dessas psicanalistas que Freud é levado a repensar sua teoria sobre a sexualidade feminina; por outro, ele é sujeito, no sentido de assujeitado, da cultura de sua época.

Em *Sobre as teorias sexuais infantis*, de 1908, Freud funda sua compreensão da sexualidade feminina na inveja do pênis e esse permanece seu enfoque até *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, de 1925. No início dos anos 1930, ocorre uma ruptura na forma como era entendida a sexualidade feminina; as teóricas da psicanálise foram, em parte, responsáveis por essa mudança, e Freud dá a elas esse crédito. Em *Sexualidade feminina*, é acrescentada a intensa ligação pré-edípica da menina com sua mãe e é enfatizado que essa descoberta foi feita por psicanalistas mulheres, por serem mais sensíveis à transferência materna de suas pacientes. Nesse trabalho, assim como na conferência *Feminilidade*, Freud refere-se a diversas psicanalistas: Karen Horney, Jeanne Lampl-de Groot, Ruth Mack Brunswick, Melanie Klein e Helene Deutsch.

Karen Horney tem importantes contribuições para as teorias sobre a sexualidade feminina, as quais foram organizadas em um livro intitulado *Psicologia feminina*. Em *Sexualidade feminina*, seu texto ao qual Freud se refere é *A fuga da feminilidade*, de 1926. Freud refere que esse trabalho não está de acordo com suas impressões, pois Horney entende que a inveja do pênis é uma aquisição tardia. Enquanto Freud compreende a inveja do pênis como algo primário na menina, resultado de seus investimentos masculinos que precisou abdicar, Horney acredita que a inveja do pênis é secundária, sendo uma defesa contra a ligação feminina da menina com o pai. Nesse sentido, o complexo de masculinidade seria também uma força defensiva.

Em 1927, a psicanalista Jeanne Lampl-de Groot publica o artigo *A evolução do complexo de Édipo nas mulheres*. Esse texto é citado por Freud em *Sexualidade feminina e Feminilidade*. Sobre esse trabalho, Freud concorda com suas principais proposições: a menina passaria por um Édipo negativo – fálico, com a mãe – antes de um Édipo positivo – com o pai. Porém Freud discorda da autora quando esta entende que a passagem do momento negativo para o positivo dá-se somente por meio de uma troca de objeto, não enfatizando os sentimentos hostis da menina para com sua mãe.

Em *A fase pré-edípica do desenvolvimento da libido*, publicado em 1940, Ruth Mack Brunswick desenvolve sua tese da importância da fase pré-edípica de ligação da menina com sua mãe, antecipada no artigo *Die Analyse eines Eifersuchtswahnes (Análise de um caso de paranoia [tradução nossa])*, de 1928, citado por Freud em seus trabalhos do início dos anos 1930, mas ao qual não tivemos acesso. Sobre esse trabalho, Freud ressalta a importância da observação clínica de Brunswick acerca da intensa ligação pré-edípica da menina com sua mãe, sendo ela a primeira psicanalista a abordar esse aspecto da subjetivação feminina.

Rodrigué (1995) nomeia o capítulo dedicado a Melanie Klein, em sua biografia de Freud, com o título “Furacão kleiniano”. O impacto causado por Klein na psicanálise se deu não apenas pela potência de sua teoria. Klein foi um furacão como mulher: com uma personalidade forte, essa ex-dona de casa tornou-se uma das psicanalistas mais influentes de sua época. Klein é citada no texto freudiano *Sexualidade feminina* como uma autora que propõe o complexo de Édipo já nos primeiros anos de vida, o que faz em *Estágios iniciais do conflito edípico*, de 1928. Freud é categórico ao não concordar com a precocidade que Klein propõe para a conflitiva edípica – e todas as modificações teóricas que resultam desse deslocamento. O fundador da psicanálise entende que ainda não havia técnicas suficientes para se delimitar o que seria de influência biológica ou do ambiente.

Helene Deutsch possui três produções citadas nas duas obras de Freud, a partir das quais efetuamos nosso recorte: *Psychoanalyse der weiblichen Sexualfunktionen (Psicanálise da função sexual feminina)*, de 1925 [tradução nossa], ao qual também não tivemos acesso; *Masquismo “feminino” e sua relação com a frigidez*, de 1930; e *A homossexualidade feminina*, de 1932. Freud demarca a mudança de posição da autora, que, de 1925 a 1930, passa a ver a atividade da menina na primeira fase pré-edípica não mais como uma identificação com o pai. Deutsch tem seus textos compilados em um livro intitulado *A psicologia da mulher*, mas essa obra reúne trabalhos posteriores aos que aqui nos interessam. No trabalho de 1931, Freud está inteiramente de acordo com as observações feitas por Deutsch em seu artigo sobre o masquismo feminino, que entende que a menina faz a mudança de objeto da mãe para o pai via suas tendências passivas, enfatizando a hostilidade endereçada à mãe, que se encontra nesse processo. Já na conferência de 1933, Freud comenta o trabalho de Deutsch sobre a homossexualidade feminina, informando sobre sua observação acerca das relações homossexuais entre mulheres, que reproduziriam a relação mãe-bebê.

Escolhemos essas autoras para seguirmos pensando suas teorias. A seguir, encontra-se uma revisão teórica de como se deram seus percursos na psicanálise da sexualidade feminina. A escolha delas deve-se à sua importância para a história da psicanálise e elas aparecem no nosso texto por ordem cronológica. *A feminilidade como máscara* (1929), de Riviere, não é citado por Freud em seus textos sobre o feminino, mas sua importância para produções posteriores – esse trabalho é retomado por Lacan (1957-1958/1998) em suas reflexões sobre a significação do falo – e sua genialidade foram determinantes nessa escolha.

Apresentar o vigoroso debate em torno do problema da sexualidade feminina, ocorrido no movimento psicanalítico ao longo dos anos 1920, e que teve nossas autoras como protagonistas, justifica-se, na contemporaneidade, na medida em que a maior parte desses textos é de difícil acesso e, supomos, pouco conhecida. Além disso, esse conjunto de trabalhos expõe modos distintos de pensar a constituição sexual feminina em relação ao modelo freudiano. Em um tempo em que as novas gerações tendem a se mostrar críticas à herança patriarcal na teoria, na clínica e nas instituições psicanalíticas,

parece-nos pertinente recuperar esses trabalhos. A essas psicanalistas, decisivas na torção efetuada na teoria freudiana da feminilidade, este trabalho é dedicado.

### **Karen Horney – Uma Teoria para Além da Inveja do Pênis**

Da união de um pai religioso com uma mãe livre pensadora, nasceu, em 1885, Karen Horney, na cidade de Hamburgo, Alemanha. Em 1913, formou-se em medicina, em Berlim, onde continuou seus estudos em psiquiatria e psicanálise. Em 1917, escreveu seu primeiro trabalho na área e, em 1920, já era membro do corpo docente do Instituto Psicanalítico de Berlim (Klemann, 1991). Foi sua mãe quem a incentivou a ser médica, um caminho com muitos obstáculos para uma mulher de sua época. Analisou-se, primeiramente, com Abraham e, depois, com Hanns Sachs. Horney dizia não se interessar por política, embora tenha se posicionado como antifascista, e seu interesse pelos estudos da sexualidade feminina não teriam sido motivados pelas lutas dos direitos das mulheres, mas por sua clínica. Esta é uma posição intrigante de Horney, pois seu texto é revestido de enorme potência política. O que dá o tom de seu pensamento são os questionamentos acerca dos padrões, aceitos pela sociedade e pela psicanálise, acerca do feminino.

A psicanálise foi fundada por um gênio masculino. Assim começa *A fuga da feminilidade*. Horney (1926/1991) vai além: nossa civilização é uma construção do patriarcado. Dito isto, o que se conclui não é a inferioridade feminina – defendida por alguns autores –, mas os limites de uma visão, marcas de uma ordem falocêntrica. Com a psicanálise não é diferente. O estudo da sexualidade feminina está enlaçado às projeções dos fantasmas de seus estudiosos, homens:

Outro fator, bastante importante na situação é que as mulheres adaptaram-se aos desejos dos homens e sentem como se isto fosse sua verdadeira natureza, isto é, elas se veem ou se viam conforme a exigência dos desejos de seus homens; inconscientemente, renderam-se à sugestão do pensamento masculino (Horney, 1926/1991, p. 53)

Assim, a feminilidade é retratada a partir do desejo dos homens: “[...] a psicologia da mulher representa até hoje o depósito dos desejos e frustrações dos homens” (p. 53). Homens e mulheres submetem-se a esse modo de pensar, que transforma a feminilidade em algo de que o sujeito deve esquivar-se. Como encontrar o que é feminino se este passa pelo olhar masculino? A teoria acaba por refletir os pensamentos dos meninos sobre as meninas: se o menino acredita que todos possuem pênis, logo todas as crianças acreditam no monismo fálico: “[...] se tentarmos libertar nossa mente desta maneira de pensar masculina, quase todos os problemas da psicologia feminina assumem outra aparência” (Horney 1926/1991, p. 55).

Nessa perspectiva, o pensamento de Horney contraria dois importantes postulados freudianos. Por um lado, não seria a inveja do pênis que conduziria as meninas ao Édipo, mas o contrário: “minha experiência, do início ao fim, provou-me com nítida constância que o complexo de Édipo nas mulheres leva (não apenas nos casos extremos em que o sujeito sofreu muitos desgostos, porém *regularmente*) à regressão à inveja do pênis [...]” (p. 61 [grifo da autora]). Em outras palavras, a identificação da menina ao pai – supostamente decorrente de uma ferida em seu narcisismo – consistiria não apenas em um efeito de desapontamentos amorosos, mas também em uma defesa contra seus desejos incestuosos. Por outro lado, a vagina não lhe seria desconhecida:

Sem dúvida, as fantasias costumeiras de que um pênis excessivamente grande está forçando a penetração, causando dor e hemorragias e ameaçando destruir algo demonstram que a menina baseia suas fantasias edípicas de forma mais realista [...] na desproporção de tamanho entre o pai e a criança. Creio também que tanto as fantasias edípicas como o temor logicamente decorrente de ferimento interno – isto é, vaginal [usualmente interpretado como expressão de uma castração consumada] – demonstram que a vagina, tanto quanto o clítoris, tem papel na organização genital infantil inicial das mulheres. (p. 62)

De acordo com essa visão desvalorizada das mulheres, a maternidade – único aspecto feminino em que não há concorrência – passa a ser um fardo a ser carregado, uma desvantagem social. Privam-se as mulheres da felicidade de dar à luz uma nova vida. Para a autora, a teoria da inveja do pênis da menina encobre a inveja da maternidade no menino: “[...] quando se começa, como fiz, a analisar os homens só depois de longa experiência analisando mulheres, fica-se surpreendentemente impressionada com a intensidade desta inveja da gravidez, do parto e da maternidade, assim como dos seios e da amamentação” (p. 57).

O que a autora enfatiza é que existe uma desvantagem real em ser mulher em uma sociedade patriarcal. Essa desvantagem reforçaria a inveja do pênis originária (autoerótica), ligada à possibilidade de ver o órgão genital e de tocá-lo no ato de urinar. A menina, desde seu nascimento, está imersa em uma cultura que entende seu sexo como um traço de inferioridade. Horney, embora não se nomeie uma pensadora política, com suas críticas profundas a alguns aspectos da teoria psicanalítica, torna seu escrito potente para os posicionamentos feministas. Sua visão teórica provém de sua escuta clínica, o que nos faz pensar

no laço entre sujeito e cultura. A partir de sua teoria, nos questionamos: é possível pensar a feminilidade sem refletir sobre a posição das mulheres na sociedade?

### Jeanne Lampl-de Groot e o Édipo Ativo da Menina

Jeanne Lampl-de Groot faz parte do grupo de psicanalistas que se tornam discípulas de Freud no período pós-guerra de 1914, com Marie Bonaparte, Helene Deutsch e Ruth Mack Brunswick. Nas palavras de Rodrigué (1995, p. 28): “o Professor sempre teve uma queda por um tipo de mulher à Lou Andreas-Salomé – mulheres românticas, complexas, falicamente femininas e inteligentes, como Joan Riviere e a própria Jeanne Lampl-de Groot”. Nascida em 1895, na Holanda, em uma família rica, cursou medicina nas universidades de Leyde e Amsterdam. Depois de ter entrado em contato com a psicanálise por meio da leitura de *A interpretação dos sonhos*, vai à Viena, em 1922, para estudar com Freud. Conhece, em Berlim, seu futuro marido, mas retorna para a Holanda fugindo do nazismo. Em 1946, funda o Instituto Psicanalítico Holandês e, em 1963, é nomeada vice-presidente honorária da IPA. Em 1970, recebe o título de doutora *honoris causa* da Faculdade de Medicina de Amsterdam (Silva & Santo, 2015). Em *A evolução do complexo de Édipo nas mulheres*, de 1927, essa psicanalista dedica-se a uma questão que permanece indecifrável em psicanálise: a sexualidade feminina. Para a autora, a dificuldade em encontrar material sobre as meninas (apontada por Freud) se dá em função da intensidade da repressão que elas sofrem. Lampl-de Groot recorda que Horney apontou para o fato de que a grande maioria das observações sobre meninas é feita por homens.

Pensando sobre a teoria que Freud propõe acerca da inveja do pênis, Lampl-de Groot (1927/1967) questiona: “[...] como é que a menina, que nunca teve um pênis e, por conseguinte, nunca conheceu seu valor por experiência própria, o considera algo tão precioso?” (p. 53). A partir desse questionamento, a psicanalista irá repensar o complexo de castração nas mulheres e fazer uma revisão do complexo de Édipo feminino, descrito por Freud.

Enquanto a menina passa pelos estágios pré-genitais, ela mantém o mesmo objeto amoroso que o menino: a mãe, sua cuidadora. Ao ingressar no Édipo, a menina comporta-se como um menino, isto é, quer conquistar sua mãe e eliminar seu pai. É somente ao confrontar-se com o genitor que a percepção do genital masculino fará diferença na vida psíquica da menina: “[...] descobre que o genital do menino é maior, mais poderoso, e mais visível que o seu, e que ele pode usá-lo ativamente para urinar, processo que para a menina tem um significado sexual” (p. 55).

A aceitação de sua castração traz feridas narcísicas para a menina. Admitindo a inferioridade de seu órgão e atribuindo-a a uma punição por seus desejos incestuosos, ela precisa abandonar a mãe como objeto amoroso:

A relação libidinal-objetal com sua mãe se transforma em uma identificação com esta; ela elege o pai como objeto amoroso: o inimigo converte-se no amado. [...] surge nesse momento o desejo de um filho no lugar do desejo de um pênis. (p. 56)

No entanto “[...] esta repressão da atitude edípica negativa da menina é de todo ou parcialmente infrutífera” (p. 58). Se, posteriormente, sofrer decepções em suas demandas passivas endereçadas ao pai, ela sempre pode retornar ao primeiro amor:

[...] devemos ter em conta duas possibilidades: ou bem a menina nunca foi capaz de renunciar por completo a seu desejo de possuir a mãe e estabeleceu assim um vínculo frágil com o pai, ou bem realizou um violento intento de substituir a mãe pelo pai como objeto amoroso, mas, depois de sofrer nova decepção por parte deste, volta à sua primeira posição. (p. 60)

Tal como em Freud, na concepção de Lampl-de Groot, a inveja do pênis é determinante na passagem da mãe para o pai como objeto edípico. Entretanto, para essa psicanalista, tal passagem nada tem de inexorável. Dito de outro modo, o pênis paterno não é um objeto a ser reverenciado: “[...] em contradição com Freud, sustentamos que, nas meninas, o complexo de castração é uma formação secundária e que seu precursor é a situação edípica negativa” (p. 62), a qual exerce um fascínio permanente sobre elas. Em transferência, especialmente com analistas mulheres, o amor ativo pela mãe, geralmente encoberto pelo amor passivo pelo pai, inevitavelmente viria à tona:

[...] nos dois casos que citei, foi evidente que, por trás da atitude edípica positiva da mulher, existia uma atitude negativa, com a mãe como objeto amoroso, que se revelou mais tarde no curso da análise e, por conseguinte, havia sido experimentada em uma fase mais precoce do desenvolvimento. (p. 69)

A diferença de Lampl-de Groot para Freud é que, para a autora, o Édipo da menina tem seu início com o Édipo negativo (posição ativa diante da mãe), sendo o Édipo positivo – atitude passiva diante do pai – decorrente da inveja do pênis, secundário. Essa é sua grande contribuição, ao entender a atividade existente nas meninas e por começar a escutar essa relação edípica primordial da menina com a mãe.

## Ruth Mack Brunswick e o Estágio Pré-Edípico Feminino

Em 1926, Ruth Mack Brunswick torna-se analista de Sergei Pankejeff, o homem dos lobos, que fora encaminhado por Freud, e é por essa referência que a conhecemos, mas Brunswick também deu sua contribuição para o estudo da feminilidade. Nascida em 1897, em Chicago, Brunswick é impedida de cursar medicina em Harvard por ser mulher e, por esse motivo, entra na Tufts Medical School, em Boston. Em 1922, ano de sua formatura, vai a Viena em busca de Freud. Analisa-se com Freud até 1938, tornando-se íntima dele, que confiava na sua capacidade, encaminhando pacientes a ela.

Casa-se em 1928, pela segunda vez, divorciando-se novamente anos mais tarde. Foi membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, lecionando no Instituto de Psicanálise. Na década de 1930, vicia-se em morfina. Em 1938, muda-se para os Estados Unidos, onde ajuda colegas psicanalistas judeus a fugir do nazismo: “com problemas pessoais e de saúde, prescrevia drogas a si mesma, o que aparentemente contribuiu para sua morte, ao sofrer uma queda e bater com a cabeça, em 25 de janeiro de 1946” (Silva & Santo, 2015, p. 149).

*A fase pré-edípica do desenvolvimento da libido* é um trabalho que começou a ser escrito em 1930, sob a supervisão de Freud, mas que só foi publicado em 1940, já com referência ao trabalho de Freud de 1931 (*Sexualidade feminina*). Brunswick (1940/1943-44) aponta para esse período pré-edípico, comum a ambos os sexos, no qual há uma relação amorosa com a mãe, mas ainda não há a rivalidade com o pai. Embora este exista no mundo imaginário da criança, não há uma triangulação: “[...] esse período é o mais antigo, o mais arcaico, o mais estranho ao nosso habitual modo de pensar” (p. 182). Na menina, assim como no menino, essa fase se converte em um Édipo ativo, tomando, agora sim, o pai como rival. Com o descobrimento da castração, a menina volta-se para o pai, em um Édipo positivo passivo.

A autora entende que a percepção da castração da mãe faz com que a menina perca as esperanças de algum dia ter um pênis. Quando a menina cresce e torna-se mãe, identifica-se com essa mãe do primeiro momento pré-edípico: a mãe ativa. No período entre a mudança de objeto da mãe para o pai, Brunswick sugere que a menina passa por um estágio de latência pré-edípica. A autora corrobora a ideia freudiana de que a menina precisa adaptar-se ao papel passivo, abandonando sua atividade: “[...] a normalidade exige que o rapaz abandone seu desejo passivo de ter um bebê e a menina, seu desejo ativo” (p. 190).

Para a autora, existem três tipos de atividade na infância: o primeiro, quando a criança, de ambos os sexos, identifica-se com a mãe provedora; segundo, quando a criança identifica-se com o pai – nesse caso, a menina não obtém sucesso e o menino, apenas parcialmente, em função da insuficiência de seus órgãos genitais; e o terceiro tipo, quando a menina procura identificar-se como um pequeno varão (complexo de masculinidade). Brunswick difere de Freud na equação simbólica pênis-bebê. Para ela, o desejo de ter um filho com a mãe é anterior ao desejo de possuir um pênis. A primeira identificação é com a mãe e com o que esta possui. Porém, quando a menina percebe sua castração, passa a desejar ter um pênis. Nessa perspectiva, a inveja do pênis é secundária. O primeiro desejo é o de maternidade: “[...] primitivamente narcisistas, ambos os desejos encontram o seguinte fundamento passageiro na relação materna, antes que se liguem definitiva e permanentemente ao pai” (p. 191).

Para concluir, a maior contribuição de Brunswick é pensar a relação pré-edípica da menina com sua mãe, ainda em 1928, no artigo *Análise de um caso de paranoia*. Para o leitor familiarizado com o minucioso comentário desse momento da constituição feminina nos textos freudianos *Sexualidade feminina* e *Feminilidade*, surpreende que Brunswick se ocupe muito mais dos desdobramentos posteriores da ligação pré-edípica das crianças com sua mãe do que dela em si. A despeito disso, é preciso realçar que, por meio de sua escuta clínica, a autora atentou para esse momento arcaico e singular da sexualidade feminina.

## Melanie Klein – Também se Inveja o Feminino

Melanie Reizes nasceu em 1882, em Viena. Embora de origem judaica, sua família não conviveu com a de Freud. Filha de um pai médico e de uma mãe proprietária de uma loja, Melanie nasceu em uma família que desafiava os padrões da época: não era comum uma esposa de médico trabalhar. Seu irmão Emmanuel é o responsável por inseri-la em um meio intelectual que atia sua curiosidade. Sua história é marcada por diversas mortes de pessoas por quem tinha um grande apego: sua mãe e, posteriormente, sua irmã e seu irmão Emmanuel. Casa-se, em 1903, com Arthur Klein, e frequenta alguns cursos de arte e história na Universidade de Viena, mas nunca concluiu uma formação universitária (Petot, 1979).

Durante a Primeira Guerra Mundial, começa a ser analisada por Ferenczi (nessa época, Klein morava em Budapeste) e inicia os estudos dos textos freudianos. Ferenczi foi o grande responsável por sua entrada na psicanálise. Em 1919, faz sua primeira comunicação oral à Sociedade Húngara de Psicanálise; logo depois, é eleita membro titular da sociedade, mas ainda não pratica a psicanálise em seu formato clínico. É entre 1920 e 1923 que começa seu trabalho com crianças, logo após ter analisado seu próprio filho de cinco anos, Erich, que aparece em seus trabalhos com o pseudônimo de Fritz. Em 1920, no Congresso de Haia, aproxima-se de Hermine von Hug-Hellmuth, pioneira na análise de crianças:

O contato foi muito frio: reserva por parte de Hermine von Hug-Hellmuth em relação a essa novata entusiasta e desprovida de qualquer formação universitária; decepção de Melanie Klein, que logo iria constatar que sua colega mais velha não tinha muito a lhe ensinar. (Petot, 1979, p. 6)

Em janeiro de 1921, muda-se para Berlim, a convite de Karl Abraham, o que a leva ao divórcio pouco depois. Um ano depois de sua mudança, começa a trabalhar na Policlínica de Berlim. Em 1923, durante a análise de sua pequena paciente Rita, de três anos, cria a técnica do brincar como técnica psicanalítica de crianças. Em 1924, dá início à sua segunda análise, com Karl Abraham, que termina com mais uma perda em sua vida: catorze meses depois, Abraham é acometido por uma pneumonia e vem a falecer. Logo que começa a ganhar espaço com sua teoria, é apoiada por nomes importantes, como Ernest Jones, Alix Strachey e Joan Riviere. Klein cria um novo paradigma em psicanálise, com diferenças expressivas da teoria freudiana:

[...] o complexo de Édipo começando imediatamente após o desmame, a introjeção do superego desde os primórdios do conflito edipiano, a existência da transferência na técnica da psicanálise de crianças muito pequenas, com um papel comparável ao desempenhado no adulto. (Petot, 1979, p. 9)

Após a morte de Abraham, muda-se para Londres, a pedido de Ernest Jones, onde tinha maior apoio do que em Berlim. Funda, assim, o que conhecemos como Escola Inglesa de Psicanálise. Nesse novo paradigma, há de pensar como se teoriza a sexualidade feminina.

*Estágios iniciais do conflito edipiano*, de 1928, é produto da prática clínica de Klein com crianças. Assim como Freud, ela acredita que a diferença anatômica entre os sexos é determinante na constituição psíquica. Para Klein (1928/1996), as crianças estão em uma posição receptiva no estágio oral; em outras palavras, são passivas frente à mãe. Assim, é o menino quem muda de objetivo – que passa a ser a penetração – ao chegar ao estágio genital; a menina manteria seu objetivo receptivo e escolheria o pai como objeto amoroso.

É nesse texto que Klein aponta para a precocidade do sentimento de culpa e, portanto, para a precocidade da instauração do supereu. Seguindo esse raciocínio, é lógico que a conflitiva edípica seja tomada como um acontecimento anterior ao proposto por Freud:

Isso parece explicar de forma satisfatória a origem desse sentimento, pois sabemos que o sentimento de culpa na verdade é o resultado da introjeção (completa, ou – eu acrescentaria – ainda em andamento) dos objetos amorosos edipianos: isto é, o sentimento de culpa é produto da formação do superego. (p. 216-217)

O supereu assume a forma desses objetos introjetados e, assim, ganha vida, pois interage com a criança com ameaças de mordidas e de devoração. Toda a teoria kleiniana é baseada em objetos parciais introjetados e na magnitude da ansiedade que o psiquismo precisa dar conta, ainda em um momento muito inicial e, por isso, sem o uso da palavra.

Klein trata o primeiro período de identificação com a mãe – comum em ambos os sexos – como uma fase de feminilidade. Mesmo o menino, durante o nível sádico-anal, iguala suas fezes a bebês e deseja roubá-los de dentro do corpo da mãe, o que causa ansiedade pela possibilidade de retaliação de um supereu tirânico. Assim, o menino também teria uma fase feminina, que se caracterizaria pelo desejo de maternidade. Diferentemente da teoria freudiana, na qual a passividade é a marca da feminilidade, aqui a marca do feminino apresenta-se como uma maternidade ativa. Logo, a feminilidade também é causa de inveja:

Assim como no complexo de castração das meninas, no complexo de feminilidade dos meninos há no fundo o desejo frustrado de possuir um órgão especial. As tendências de roubar e destruir estão ligadas aos órgãos de fecundação, gravidez e parto que o menino presume existirem na mãe, assim como à vagina e aos seios, a fonte de leite, cobijados como órgãos de receptividade e fartura desde o tempo em que a posição libidinal é puramente oral. (p. 219)

O que Freud tem a dizer sobre a feminilidade, Klein diz sobre a masculinidade. Para a autora, o valor narcísico que o menino dá ao seu pênis é uma supercompensação por seu sentimento de inferioridade, por sua incapacidade de gerar filhos. Disso pode se desenvolver um complexo de feminilidade: o menino/homem teria a necessidade de afirmar sua superioridade em relação às mulheres, descarregando nelas sua agressividade. É impossível não ler essa teoria em tom irônico.

Voltemos para a menina. O desmame a frustra e a obriga à separação da mãe. Para Klein, a escolha do pai como objeto amoroso se dá, também – com a inveja e o ódio da mãe, por esta possuir o pênis paterno –, pela função receptiva dos órgãos genitais femininos. É uma explicação com base biológica. Mas, para autora, não há o monismo fálico: há uma noção inconsciente da vagina como sucedânea da função receptiva da boca já durante os primeiros impulsos edipianos, que ocorrem em um período precoce.

A autora explica as diferenças entre o supereu masculino e feminino por meio das diferenças nas identificações. A identificação com a imago da mãe cria um supereu mais cruel, porém, quanto mais próximo da genitalidade, mais intensa é a construção de um ideal de generosidade materna. Assim, as mulheres estariam tanto propensas a um ciúme agressivo quanto a atos de abnegação e generosidade. Ao se unir com o ideal paterno, que propõe metas ativas, a mulher é capaz de praticar atividades sublimatórias importantes.

Klein cita Helene Deutsch e Karen Horney como autoras que também se dedicaram ao estudo da sexualidade feminina. Ela acreditava na potência feminina, na sua capacidade sublimatória. Sua teoria é igualitária: homens e mulheres invejam o que não têm. Funda sua própria escola; cria um novo paradigma psicanalítico. Seu inconsciente, povoado por objetos parciais, sádicos e dadivosos, a tornou a psicanalista mais reconhecida de seu século.

### Joan Riviere – Mascarada

A britânica Joan Hodgson Verral nasceu em 1883, em Brighton, e, mais tarde, casou-se com o advogado Evelyn Riviere, tornando-se Joan Riviere. Em 1916, inicia sua análise com Ernest Jones, sendo o fim desse percurso marcado por uma relação íntima com seu analista. Jones aconselhava-se com Freud, na época, que apontava essa intimidade como um erro técnico de Jones: “talvez ela tenha sido a Sabina Spielrein de Jones” (Rodrigué, 1995, p. 145). Ela é descrita por Freud (citado por Rodrigué, 1995), seu segundo analista (análise que começou em 1922), como “ácido bem concentrado, que só bem diluído pode ser utilizado com proveito” (p. 145). Junto de James e Alix Strachey, John Rickman e o próprio Ernest Jones, compôs a equipe de tradução das obras freudianas para o inglês: “ela é uma das seis mulheres (Alix Strachey, Susan Isaacs, Ella Freeman Sharpe, Sylvia Payne e Bárbara Low), entre 24 homens, que fizeram parte da fundação da Sociedade [Britânica de Psicanálise]” (Silva & Santo, 2015, p. 153). Riviere era a tradutora preferida de Freud, por ter estilo elegante e uma tradução rigorosa. O que faz a relação entre a analista e o fundador da psicanálise entrar em choque é seu posicionamento de apoio à teoria kleiniana, o que a colocava em oposição ao pensamento de Anna Freud: “[...] o brilhantismo e desenvoltura de Riviere contrastam com a inibição de que se queixava Anna Freud em relação à escrita e apresentação de suas ideias” (p. 153).

É em 1929 que Joan Riviere publica *A feminilidade como máscara*, na Revista Internacional de Psicanálise. O artigo inspira-se no trabalho de Ernest Jones, intitulado *O desenvolvimento precoce da sexualidade feminina*, também publicado na Revista Internacional de Psicanálise, em 1927. Riviere debruça-se sobre um tipo específico de mulher: essas mulheres possuíam uma tendência à masculinidade e, tentando ocultá-la, usam a feminilidade como máscara, evitando represálias do sexo masculino.

Riviere (1929/2005) parte da observação de uma mudança cultural:

Há não muito tempo, os objetivos intelectuais das mulheres associavam-se quase exclusivamente com um tipo manifestadamente masculino de mulher, que em casos declarados não fazia segredo de seu desejo de ser um homem. Isto agora mudou. De todas as mulheres atualmente engajadas em trabalho profissional, seria difícil dizer se a maioria é mais feminina do que masculina em seu modo de vida e em sua personalidade. Na vida universitária, nas profissões científicas e nos negócios deparamo-nos constantemente com mulheres que parecem atender a todos os critérios de um desenvolvimento feminino completo. (p. 14)

A autora apresenta o caso clínico de uma mulher intelectual, com uma vida profissional bem-sucedida, que relatava muita ansiedade após a exposição pública de seu trabalho. Isso a levava a buscar o reconhecimento de homens que, muitas vezes, não possuíam sua competência no tema. Além disso, essa procura por reconhecimento era envolta em uma boa dose de sedução: “[...] a análise de seu comportamento após seu desempenho mostrava que ela tentava obter investidas sexuais daquele tipo especial de homem, por meio de flerte e de coquetismo, de forma mais ou menos velada” (p. 15). Essas manifestações foram interpretadas em análise como expressões de seu sentimento de possuir um pênis e, ao mesmo tempo, de seu desejo de disfarçar essa posse, por temer retaliações: “a feminilidade, portanto, podia ser assumida e usada como uma máscara, tanto para ocultar a posse da masculinidade, como para evitar as represálias esperadas, se fosse apanhada possuindo-a [...]” (p. 16-17).

Em outro caso, Riviere aponta as formas como a feminilidade como máscara se apresenta. Essa paciente, frente a determinados homens, escondia seus conhecimentos técnicos sobre certos assuntos, mostrando-se frágil e ingênua. Dizia não conseguir colocar-se de forma firme para esses homens e sentia que desempenhava um papel, um personagem. Por meio desses trejeitos, essas mulheres pareciam não conseguir colocar-se em lugar de igualdade com os homens, como se tivessem que dissimular sua potência. A autora mostra como essa feminilidade como máscara, frente aos homens, é uma forma de mantê-los – e mantê-las – a salvo dos ataques sádicos dessas mulheres. Por terem roubado o pênis do pai, este é impotente e frágil. Disfarçar esse furto é uma forma de defendê-las da retaliação paterna.

Usando como referência Klein, Riviere retorna ao momento oral do desenvolvimento psíquico, em que a menina tem como rival tanto o pai quanto a mãe, com movimentos sádicos em direção a ambos, tendo como alvos os mamilos e o pênis.



Aqui, teme-se a vingança do casal parental, mas, principalmente, da mãe, que, por possuir em seu corpo os objetos mais preciosos – inclusive o pênis paterno –, é um alvo maior de ódio e, portanto, a mais temida: “ela executará a punição devida ao crime – destruirá o corpo da menina, sua beleza, seus filhos, sua capacidade de ter filhos, mutilará, devorará, torturará e, finalmente, a matará” (p. 20). É nesse momento que a menina, via identificação com o pai, coloca-se a serviço da mãe, isto é, oferece-lhe a masculinidade conquistada como modo de reparar sua apropriação do pênis.

Como se constitui a feminilidade? “A concepção da feminilidade como uma máscara, sob a qual o homem suspeita haver algum perigo oculto, joga um pouco de luz sobre esse enigma” (p. 22). Riviere vai ao encontro das teorias de Ernest Jones e de Helene Deutsch, que acreditam que a mulher feminina heterossexual, que seria uma mulher com a feminilidade plenamente delineada, tem seu desenvolvimento decidido na fase oral da sucção. Os mamilos e o pênis, extremamente idealizados nessa fase, devem, no estágio oral-sádico, ser renunciados. No inconsciente, no entanto, nunca o são – do que resulta uma ambivalência incontornável. Inspirada em Abraham, Riviere sugere que a genitalidade – e, portanto, a feminilidade plena – é alcançada num estado pós-ambivalente:

Tanto a mulher “normal” como a homossexual desejam o pênis do pai e se rebelam contra a frustração (ou castração); mas uma das diferenças entre elas está na diferença do grau de sadismo e do poder de lidar com ele e com a ansiedade daí resultante. (p. 23)

Todavia não podemos nos iludir com essas concepções normativas. Riviere posiciona-se. Para ela, não há diferença entre a feminilidade genuína e a feminilidade como máscara:

O leitor poderá agora perguntar como defino a feminilidade, ou onde traço a linha divisória entre a feminilidade genuína e a “máscara”. Minha sugestão é, entretanto, a de que não existe essa diferença: quer radical ou superficial, elas são a mesma coisa. (p. 17)

Sua teoria sustenta que a feminilidade é construída na fase de sucção oral. Nesse sentido, o feminino é a máscara que reveste o vazio do desamparo. Logo, não há uma essência feminina. De qualquer forma, mesmo na fase oral, quando a gratificação é, inicialmente, passiva, a sucção passa por um movimento ativo de procura do seio. A feminilidade, então, passa a ser entendida como essa máscara que reveste o impulso de incorporar algo fálico. A mensagem de Riviere é clara: se o atributo que permite inscrever uma marca na cultura é negado à “nova mulher” dos anos 1920, elas abocanham-no – e, se necessário, mas não sem conflito, disfarçam-se de “mulherzinhas”.

### **Helene Deutsch – Narcisismo, passividade e masoquismo na personalidade da mulher**

“Há aqui um livro baseado sobre a experiência, a experiência de ‘sentir como próprios’ os sentimentos de grande número de meninas e mulheres” (Cobs, 1977, p. 8). Stanley Cobs, autor do prólogo do livro de Helene Deutsch, *A psicologia da mulher*, resume, nessa frase sua visão sobre o escrito que segue: Cobs entende que uma teoria da feminilidade formulada a partir da experiência de ser mulher parte de uma posição diferente de uma teoria proposta por um homem.

Helene Rosenbach Deutsch, nascida na região da Galícia (Áustria-Hungria), em 1884, era a filha mais nova de sua família. Aos 16 anos, Deutsch apaixona-se por um advogado democrata, que faz com que ela se aproxime do feminismo, tornando-se ativista dos direitos das mulheres. Em 1907, seguindo seu amante, muda-se para Viena e entra para a universidade de medicina. Foi a primeira estudante mulher a tornar-se paciente de Freud e logo passou a frequentar seu círculo de colegas e amigos. Em 1924, fundou o Instituto Psicanalítico de Viena, do qual foi diretora por nove anos. Com a ascensão nazista, Deutsch muda-se com sua família para os Estados Unidos, e lá ela passa a fazer parte da Sociedade Psicanalítica de Boston (Radcliffe, 1985).

Em *Masoquismo “feminino” e sua relação com a frigidez*, Deutsch (1930/2015) observa: “na análise de mulheres, nós nos familiarizamos com o complexo de masculinidade antes de termos aprendido mais sobre a feminilidade que emerge dos conflitos relativos ao desenvolvimento” (p. 141). Dito de outro modo, a autora destaca que a psicanálise interessou-se, primeiro, pelo masculino como conflitivo para as mulheres. Nesse mesmo sentido, a psicanálise dedicou-se àquilo de feminino nos homens, sua passividade masoquista, como sintoma. Embora a bissexualidade seja uma premissa psicanalítica, Deutsch aponta que esses elementos, ditos femininos e masculinos, são entendidos como patológicos, quando encontrados no gênero oposto.

Deutsch pretende estudar a questão por outro ângulo: entender a feminilidade a partir da disposição masoquista-passiva, que, para ela, é própria das mulheres. Para tal, ela retorna ao conceito de inveja do pênis, que entende como fruto das sensações prazerosas dos órgãos genitais, que impelem as crianças à masturbação e, conseqüentemente, à descoberta da diferença anatômica entre os sexos. Seguindo as trilhas freudianas, Deutsch questiona: na equação pênis-bebê, o que acontece com a libido anteriormente dirigida para o clitóris quando este precisa ser abandonado como fonte de prazer? Um bebê não é possível, nesse momento, e tampouco é um objeto adequado para essa descarga libidinal: “[...] já sabemos que, quando certa

atividade é negada pelo mundo externo ou inibida desde o interior, ela normalmente sofre certo destino – retorna ou é desviada” (p. 144). Logo, a libido retorna ao sujeito, na forma de masoquismo, surgindo a fantasia ‘quero ser castrada pelo meu pai’.

Para a autora, esse destino masoquista das mulheres dá-se por fatores biológicos, que levam a menina do desejo ‘não quero ser castrada’ para o ‘quero ser castrada pelo meu pai’. Assim, o masoquismo nas mulheres pode ser nomeado de desejo de castração. Essa mesma tendência masoquista vai colorir toda a relação da mãe com o seu filho. Deutsch afirma que essas tendências masoquistas são ramificações da relação primária masoquista da menina com a mãe. Existira, assim, uma tríade de fantasias masoquistas: castração, violentação e parto.

Posteriormente a essa explanação teórica, a autora dedica-se ao tema da frigidez nas mulheres, que, para ela, carrega o selo do complexo de masculinidade. A frigidez seria uma forma de não abrir mão do pênis que a menina acreditou possuir na infância. Assim, o clítoris torna-se um órgão que condensa tanto tendências passivas quanto ativas: “[...] em virtude de sua fase de atividade masculina passada, uma espécie de memória do órgão o constitui como o grande inimigo de qualquer transferência de excitação prazerosa à vagina” (p. 146).

Deutsch cita *A fuga da feminilidade*, de Horney, em que a autora analisa a fuga do desejo incestuoso nas mulheres. Para Deutsch, essa fuga é acompanhada de uma fuga de sua própria tendência masoquista, porém acredita que a análise, nesses casos de frigidez, auxiliaria às mulheres a abdicar do pênis e investir seu desejo em ter um filho; em outras palavras, a “induzi-las a adotar seu papel feminino” (p. 148). De acordo com Deutsch, “[...] chegar ao filho é o alvo fundamental da existência [...]” (p. 150) das mulheres. Embora esse seja um pensamento conservador, Deutsch acreditava no prazer sexual das mulheres e entendia a frigidez não como algo do feminino, mas como um conflito existente na feminilidade. Nesse sentido, existe a possibilidade de prazer para as mulheres. As mulheres de Deutsch poderiam ter como alvo a maternidade, mas não eram castas.

O texto *A homossexualidade feminina*, publicado em 1932, parte de onze casos de mulheres homossexuais atendidas por Deutsch. Logo no início, a autora frisa que essas mulheres, mesmo tendo se encaminhado para a homossexualidade, não possuíam nenhum traço físico que embasasse a ideia de uma masculinidade constitutiva. A autora propõe, a partir de sua prática clínica, alguns entendimentos sobre a homossexualidade, que permitem algumas reflexões também sobre a feminilidade.

Deutsch (1932/1967) entende que nem toda homossexualidade feminina é determinada pela inveja do pênis, tampouco acredita que se trate de um complexo de masculinidade, em termos freudianos. Também não acredita que a homossexualidade seja uma forma de dar vazão ao masculino existente nas mulheres. Página por página, vai delineando sua hipótese teórica: a homossexualidade feminina está em íntima conexão com a ligação pré-edípica da menina com sua mãe. Nesse sentido, em um casal de mulheres homossexuais não haveria, necessariamente, uma que interpretaria o papel masculino e outra, o feminino, mas as funções interpretadas estariam em torno do par de opostos passividade/atividade, que não seriam posições rígidas, mas representadas ora por uma das mulheres, ora por outra. Esse jogo de posições estaria ligado à bissexualidade feminina.

Outro ponto interessante é o fato de que essas mulheres, que buscam tratamento, geralmente tomadas por uma depressão neurótica, encontram-se em situações em que não conseguem ter relações homossexuais, permanecendo inibidas em realizar seus desejos. No momento em que conseguem ter uma relação com outra mulher de forma satisfatória, suas depressões se desfazem e suas vidas seguem com menos conflitos. Embora a autora não coloque dessa forma, percebemos a influência de uma cultura marcada pelo preconceito: não dando espaço para que esses desejos sejam realizados, os sujeitos acabam adoecendo.

A autora postula que a menina, ao deparar-se com seu corpo insuficiente, dirige-se ao pai, de forma passiva, esperando ter um filho deste, em sintonia com a teoria freudiana. Como isso também não ocorre, a menina retorna à mãe, na esperança de ser amada por ela. Essas oscilações podem levar a menina a escolher um objeto de amor homossexual:

Nestes casos de homossexualidade feminina houve uma fase mais ou menos prolongada de indecisão, a qual demonstra que não se tratava tão somente de uma simples fixação na mãe como primeiro objeto amoroso, e sim um bem mais complicado processo de retorno. A decisão em favor da mãe reside, naturalmente, em seus antigos poderes de atração, mas também nas forças de rechaço de outros imãs; a negativa, a ansiedade e as reações de culpa. (p. 44)

A autora baseia-se nas proposições freudianas acerca da homossexualidade feminina, publicadas no caso da *Jovem homossexual*: a menina torna-se homossexual a partir de um desapontamento com o pai, regredindo à fixação primordial na mãe. A diferença entre Freud e Deutsch não está nos fundamentos da teoria, mas em sua ênfase: enquanto Freud pensa a homossexualidade feminina realçando a inveja do pênis, Deutsch destaca a ligação pré-edípica com a mãe. Deutsch acredita que a homossexualidade feminina é fruto de uma fixação da menina em sua mãe, o que proporciona um entendimento para além do falo. As questões não se estabelecem em torno do masculino e do feminino, do homem e da mulher, mas, sim, da passividade e da atividade. Deutsch aponta, ao estudar a homossexualidade feminina, para essa possibilidade de retorno ao período pré-edípico, que podemos ampliar como uma marca do feminino, que permite escapar de uma ordem falocêntrica.

## Considerações Finais

Este artigo nasce de um incômodo sentimento dos autores ao lerem os textos freudianos sobre a sexualidade feminina: por que Freud se opunha aos primórdios do movimento feminista? Havia algo nas sufragistas que assustava o fundador da psicanálise? Esse posicionamento freudiano teve consequências na teoria sobre a feminilidade? Essas questões se desdobraram em uma pesquisa teórico-histórica: o que as mulheres psicanalistas pensavam sobre a sexualidade feminina? É a partir daí que encontramos as produções teóricas das pioneiras dos anos 1920. O modo como elas produziram suas teorias é uma forma de resistência e de insistência em uma teoria sobre a feminilidade com uma voz de mulheres. Encontramos, assim, uma herança feminina na psicanálise.

Ao lermos o artigo *Sexualidade feminina*, de 1931, e a conferência *Feminilidade*, de 1933, percebemos que, em diversos momentos, Freud cita diferentes autoras: Karen Horney, Helene Deutsch, Jeanne Lampl-de Groot, Ruth Mack Brunswick e Melanie Klein. Acrescentamos Joan Riviere por sua importância teórica. Essas autoras, tratando de diferentes formas a sexualidade feminina, buscavam também revestir o desamparo do feminino. Frisamos: o desamparo do feminino em uma lógica falocêntrica, no sentido proposto por Horney em *A fuga da feminilidade* (aqui, metapsicologia e cultura dialogam na construção de um conceito). Todo ser do inconsciente está fadado à sua porção feminina. Paradoxalmente, é daí que vem a importância da retomada dessas psicanalistas mulheres: não é somente por meio dos homens que o feminino pode ser falado. É esse o ponto de encontro entre cultura e teoria. Se, como psicanalistas, temos deveres com a cultura, precisamos olhar para nossa história de forma crítica e recontá-la, buscando novas significações.

A psicanálise – e o mundo como conhecemos – é retratada a partir de uma visão masculina, como pontua Horney, em 1926. Esses são os limites com que trabalhamos e em relação aos quais precisamos estar atentos. Joan Scott, no trabalho *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, comenta a ideia, proposta por historiadoras feministas dos anos 1970, de que a história oficial é uma história masculina. É nesse sentido que o feminismo passa a ser um instrumento interessante de (auto)crítica da psicanálise, visto que possibilita a crítica de um *status quo* estabelecido sobre o lugar do feminino na cultura.

O estudo da sexualidade feminina por meio das pioneiras da psicanálise parece-nos um modo profícuo de realizar essa crítica. Nossas autoras ampliam o espectro, em relação ao modelo freudiano, das formas de “tornar-se mulher”. Esse é o problema comum, que unifica seus trabalhos em sua dispersão. Parece-nos que apresentar a constituição sexual feminina de modos distintos ao de Freud (e isso já nos longínquos anos 1920) tem um efeito libertador na atualidade, na medida em que incita ao questionamento de leituras eventualmente dogmáticas ou normativas do texto freudiano.

## Referências

- Bleichmar, E. D. (1988). *O feminismo espontâneo da histeria: Estudo dos transtornos narcisistas da feminilidade* (F. Vidal, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Brunswick, R. M. (1943-1944). La fase preedípica del desarrollo de la libido. *Revista de Psicoanálisis*, 1(3), 181-199. (Originalmente publicado em 1940)
- Cobs, S. (1977). Prólogo. In H. Deutsch, *La psicología de la mujer* (F. Asúa, Trad., 6a ed., pp. 7-8). Buenos Aires: Losada.
- Deutsch, H. (1967). La homosexualidad femenina. In *Psicoanálisis y desviaciones sexuales* (N. Watson, Trad., pp. 15-51). Buenos Aires, Argentina: Hormé. (Originalmente publicado em 1932)
- Deutsch, H. (1977). *La psicología de la mujer* (F. Asúa, Trad., 6a ed.). Buenos Aires: Losada. (Originalmente publicado em 1952)
- Deutsch, H. (2015). Masoquismo “feminino” e a sua relação com a frigidez. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 48, 140-152. (Originalmente publicado em 1930)
- Freud, S. (1996a). Sobre as teorias sexuais infantis. In S. Freud, *Obras psicológicas completas* (J. Salomão, Trad., Vol. 9, pp. 191-206). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1908)
- Freud, S. (1996b). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In S. Freud, *Obras psicológicas completas* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 159-186). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1920)

- Freud, S. (1996c). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In S. Freud, *Obras psicológicas completas* (J. Salomão, Trad., Vol. 20, pp. 277-288). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1925)
- Freud, S. (1996d). Sexualidade feminina. In S. Freud, *Obras psicológicas completas* (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 233-254). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1931)
- Freud, S. (1996e). Feminilidade. In S. Freud, *Obras psicológicas completas* (J. Salomão, Trad., Vol. 22, pp. 113-134). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933)
- Horney, K. (1991). A fuga da feminilidade. In K. Horney, *Psicologia feminina* (T. Rodrigues, Trad., pp. 51-66). Rio de Janeiro: Bertrand. (Originalmente publicado em 1926)
- Klein, M. (1996). Estágios iniciais do conflito edipiano. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (E. Rocha, Trad., pp. 216-227). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1928)
- Klemann, H. (1991). Introdução. In K. Horney, *Psicologia feminina* (T. Rodrigues, Trad., pp. 7-32). Rio de Janeiro: Bertrand.
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1957-1958)
- Lampl-de Groot, J. (1967). La evolución del complejo de Edipo en las mujeres. In *Psicoanálisis y sexualidad femenina* (N. Watson, Trad., pp. 49-70). Buenos Aires, Argentina: Hormé. (Originalmente publicado em 1927)
- Pedro, J. M. (2006). Narrativas fundadoras do feminismo: Poderes e conflitos (1970-1978). *Revista Brasileira de História*, 26(52), 249-272.
- Petot, J. M. (1979). *Melanie Klein I* (M. Levy, Trad.). São Paulo: Editora Perspectiva.
- Rodrigué, E. (1995). *Sigmund Freud: O século da psicanálise (1895 – 1995)*. São Paulo: Escuta.
- Radcliffe Institute for Advanced Study. (1985). Deutsch, Helene, 1884-1982: *Papers of Helene Deutsch, 1900-1983: a finding aid*. Recuperado de: <http://oasis.lib.harvard.edu/oasis/deliver/~sch00550>
- Riviere, J. (2005). A feminilidade como máscara. *Psychê*, 9(16), 13-24. (Originalmente publicado em 1929)
- Scott, J. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99.
- Silva, M. V., & Santo, É. (2015). A história das primeiras mulheres psicanalistas do início do Século XX. *História, histórias*, 3(6), 135-156.

**Como citar:**

Rosa, C. T., & Weinmann, A. O. (2020). A Sexualidade Feminina em Escritos das Pioneiras da Psicanálise. *Revista Subjetividades*, 20(3), e9499. <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i3.e9499>

---

**Endereço para correspondência**

Camila Terra da Rosa  
E-mail: [camilatdarosa@hotmail.com](mailto:camilatdarosa@hotmail.com)

Amadeu de Oliveira Weinmann  
E-mail: [weinmann.amadeu@gmail.com](mailto:weinmann.amadeu@gmail.com)

**Recebido em:** 23/05/2019

**Revisado em:** 09/08/2020

**Aceito em:** 31/08/2020

**Publicado online:** 23/12/2020